

CRIAÇÃO E IMAGINAÇÃO: A MODELAGEM EM ARGILA E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB O OLHAR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

CREACIÓN E IMAGINACIÓN: EL MODELADO DE ARCILLA Y EL PROCESO DE DESARROLLO INFANTIL BAJO LA PERSPECTIVA DE LA TEORÍA HISTÓRICO-CULTURAL

CREATION AND IMAGINATION: A CLAY MODELING AND THE CHILD DEVELOPMENT PROCESS UNDER THE VIEW OF HISTORICAL-CULTURAL THEORY



Marta Silene Ferreira BARROS¹

e-mail: mbarros@uel.br



Dayanne VICENTINI²

e-mail: dayannevicentini@hotmail.com



Ana Letícia FERREIRA³

e-mail: leticiavieira1995@hotmail.com



Maíra Dellazeri CORTEZ⁴

e-mail: mairacortez@gmail.com



Natália Navarro GARCIA⁵

e-mail: naty.nav19@gmail.com

Como referenciar este artigo:

BARROS, M. S. F.; VICENTINI, D.; FERREIRA, A. L.; CORTEZ, M. D.; GARCIA, N. N. Criação e imaginação: A modelagem em argila e o processo de desenvolvimento infantil sob o olhar da teoria histórico-cultural. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023012, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17690>



| **Submetido em:** 10/06/2022
| **Revisões requeridas em:** 23/08/2022
| **Aprovado em:** 10/10/2022
| **Publicado em:** 01/01/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Professora Associada C - TIDE do Departamento de Educação. Doutorado em Educação (USP).

² Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação.

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação.

⁴ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

⁵ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação.

RESUMO: O presente estudo emergiu das discussões acerca da formação da criança com a finalidade de analisar o processo de criação e imaginação na infância a partir da modelagem em argila enquanto atividade importante no desenvolvimento infantil. A temática torna-se relevante para ampliar o repertório cultural da criança, bem como aumentar as capacidades de criar e imaginar, características tipicamente humanas, as quais necessitam ser estimuladas para a formação da consciência. A análise subsidia-se no método crítico dialético e na Teoria Histórico-Cultural, com vistas a ressaltar o papel da imaginação na formação das funções psíquicas superiores. Os resultados revelaram que o trabalho com a argila na Educação Infantil permite a criança transitar da concretude do material às representações mais abstratas da realidade objetiva. Portanto, o ato transformador realizado na atividade com a arte possibilita à criança participar ativamente da ação humana na relação que estabelece com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Desenvolvimento infantil. Imaginação e criação. Arte.

RESUMEN: *El presente estudio surgió de discusiones sobre la formación de los niños con el propósito de analizar el proceso de creación e imaginación en la infancia utilizando el modelado con arcilla como una actividad importante en el desarrollo infantil. El tema cobra relevancia para ampliar el repertorio cultural del niño, así como para incrementar las habilidades para crear e imaginar, características típicamente humanas, que necesitan ser estimuladas para la formación de la conciencia. El análisis se basa en el método dialéctico crítico y en la Teoría Histórica Cultural, con el fin de resaltar el papel de la imaginación en la formación de las funciones psicológicas superiores. Los resultados revelaron que trabajar con arcilla en Educación Infantil permite al niño pasar del material concreto a representaciones más abstractas de la realidad objetiva. Por tanto, el acto transformador realizado en la actividad artística habilita al niño a participar activamente en la acción humana en la relación que se establece con la naturaleza.*

PALABRAS CLAVE: Educación. Desarrollo infantil. Imaginación y creación. Arte.

ABSTRACT: *The present study emerged from discussions about the formation of children with the purpose of analyzing the process of creation and imagination in childhood using clay modeling as an important activity in child development. The theme becomes relevant to expand the child's cultural repertoire, as well as to increase the abilities to create and to imagine, typically human characteristics, which need to be stimulated for the formation of consciousness. The analysis is based on the critical dialectical method and on the Historical Cultural Theory, with a view to highlighting the role of imagination in the formation of superior psychological functions. The results revealed that working with clay in Early Childhood Education allows the child to move from the concrete material to more abstract representations of objective reality. Therefore, the transforming act performed in the art activity enables the child to actively participate in the human action in the relationship established with nature.*

KEYWORDS: Education. Child development. Imagination and creation. Art.

Introdução

O desvelar do mundo é concebido pela criança gradualmente, sempre partindo de sua característica precípua, o social. Assim, com o auxílio dos signos e instrumentos estabelecidos socialmente, a criança vai interiorizando formas, sentidos e utilidades dos objetos. Durante a infância tudo está como novo e o universo se descortina em sua incrível extensão de possibilidades.

O ato criativo é aquele que diferencia o ser humano das demais espécies, manifestando-se em direção à produção de sentidos e significados. Os processos imaginativos e criativos na infância se desenvolvem a partir das relações sociais estabelecidas e das vivências do brincar, pois durante a brincadeira a criança transita da concretude do mundo material para elaborações mais abstratas do real. Esta intrínseca relação do concreto e o abstrato torna-se mais elaborada pela criança no decorrer de seu processo de humanização, fazendo com que “[...] a criação de uma situação imaginária não [seja] algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais” (VIGOTSKY, 1998, p. 66).

A consciência das relações sociais que a circundam, bem como os significantes e os significados trazidos culturalmente, possibilitam o despertar da humanidade contida em potência na infância, e a Arte, por sua vez, possibilita que o ser desenvolva ativamente sua imaginação, de forma construtiva, para além do território demarcado do imediatismo cotidiano e das produções sociais mais rígidas, desconstruindo assim padrões pré-estabelecidos socialmente, como por exemplo na escultura pode-se criar formas de representação corporal não convencionais que diferem dos modelos apresentados midiaticamente.

Elenca-se como objetivo central do trabalho discorrer acerca da relação arte, imaginação e criação no processo educativo, destacando a importância do fazer artístico no contexto educacional com a argila. Para tanto, nos ancoramos nos pressupostos do método crítico dialético, da Teoria Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica, visto que tal abordagem subsidia a mobilização de análises e reflexões acerca da qualidade das experiências vivenciadas pelos seres humanos.

Ademais, destaca-se a argila dentre os diversos recursos passíveis de serem utilizados no fazer artístico em sala de aula, como elemento de estímulo à imaginação e à criação não só por sua maleabilidade e plasticidade, mas principalmente por se tratar de um material não sintético e de uso não convencional com crianças da Educação Infantil. A modelagem da argila

é capaz de reforçar a capacidade dos seres humanos de transformar a matéria, levando as crianças ao desenvolvimento de seu potencial enquanto agentes imaginativos e criativos.

A fim de garantir maior profundidade e especificidade a esse tema, abordaremos inicialmente alguns aspectos acerca da *criação e imaginação* sob o viés da Psicologia histórico-cultural para o desenvolvimento da criança, seguido de explanações sobre o papel mediador do professor no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Aqui entende-se a etapa da Educação Infantil como uma fase detentora de um potencial de encantamento, alicerce para todas as experiências. É preciso ter em mente que esta etapa não é um período preparatório e sim um momento da vida humana de extrema importância, marcado por diversas singularidades e necessidades.

Pensando então a criança enquanto sujeito social que constrói múltiplos olhares sobre a realidade, e que se inscreve sobre um determinado contexto, o processo educativo torna-se gerador de possibilidades de investigação e aprendizado, em que a produção de sentido pode ser potencializada. A expansão de uma prática pedagógica mais consciente viabiliza uma intensificação com as sensações, percepção do mundo, sentimentos, integração consigo mesmo e com o outro. Posteriormente, são conduzidas fundamentações para sugestão de atividades com modelagem em argila para estímulo à criação e imaginação das crianças por meio da mediação do professor, considerando o espaço escolar como um dos responsáveis por fomentar a mediação entre a vida cotidiana e atividade criadora humana em suas formas mais elaboradas.

Criação e imaginação sob o viés histórico-cultural

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique a disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.
Manoel de Barros – Uma didática da Invenção (BARROS, 2010).

Na poética forma de se expressar, o escritor Manoel de Barros discursa sobre “desinventar”, que seria nada mais, nada menos que criar novas possibilidades a partir de algo já posto. Quando se pensa em criação, automaticamente se faz ligações com grandes feitos pela ciência e tecnologia, se esquece talvez das mais ricas “desinvenções” ou mesmo “subverções” propostas diariamente pelas crianças em suas brincadeiras e atividades. E é voltado sobre esse enriquecido processo da criação infantil que este trabalho se ocupará.

Para além das diferenças estruturais do corpo, homem e animal possuem uma distinção categórica entre um e outro, esta seria a capacidade de imaginar. Karl Marx (2013), ao compor

uma análise da sociedade civil frente ao sistema de produção capitalista, define o trabalho como o processo em que o homem infere transformações à natureza, visto a inviabilidade de se adaptar às condições posta pelo meio em seu formato original,

[...] a fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013, p. 326-327).

A atividade do trabalho realizada pelo homem detém uma singularidade própria do ser humano, a capacidade teleológica, de antecipar o resultado no campo mental antes do campo material, como exemplifica Pederiva *et al.* (2020, p. 11):

[...] um animal não humano jamais poderia imaginar ser outra coisa ou imaginar uma vida da qual não experiencia ou concebe um outro corpo que não seja aquele que lhe foi geneticamente constituído. O corpo humano somente é capaz de muitas coisas na cultura.

Portanto, o ato de imaginar é uma característica específica do homem em sua relação social consigo, com o outro e com seu meio. Lev Semyonovich Vigotski (2009) fomenta uma discussão acerca dos processos de imaginação e criação no desenvolvimento do homem, partindo da premissa social e histórica de constituição da humanização, em que clarifica uma trajetória para se compreender esses dois tópicos que se interligam. Por atividade criadora afirma que se constitui toda “[...] aquela em que se cria algo novo. Pouco importa se o que se cria é algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta”. (VIGOTSKI, 2009, p. 11). Isto posto, é necessário estabelecer uma problematização com o ideário de associação do ato de criar com grandes produções, limitado apenas a setores específicos da vida humana, o que “[...] equivale a dizer que a atividade imaginária precede toda e qualquer outra forma de atividade humana de natureza criativa; o que permite afirmar que, em última instância, o imaginário é o que define a condição humana do homem” (PINO, 2006, p. 49). O homem é capaz de, utilizando sua capacidade criadora, assim conceber um universo simbólico e significativo, pois “[...] criar é uma necessidade da existência humana. Tudo o que exceda o marco da rotina e contenha algo novo, por pequeno que for, guarda relação, pela sua origem, com o processo criador” (PINO, 2006, p. 56).

A imaginação é uma condição necessária para a humanização do homem, todavia ela não é um ato instintivo, está diretamente ligada à realidade social e histórica do ser humano,

portanto, é um constructo social, que precisa ser fomentado e desenvolvido. Não se pode, por exemplo, adjetivar pessoas criativas e não criativas, antes de analisar se o meio em que elas atuam permitiu que tivessem contato com possibilidades qualitativas de explorar sua imaginação, como explicita Vygotsky (2009, p. 22):

A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis porque a imaginação da criança é mais pobre que do adulto, o que se explica pela maior pobreza da sua experiência.

O processo de imaginação e criação não se concretiza, ou tem uma finalização espontaneamente em nenhuma das etapas da vida humana, na infância a criança tem mais liberdade de se expressar: não estando condicionados às leis sociais, os pequenos ainda não têm amarras em relação ao seu comportamento, e a imaginação se alimentada de ricas experiências, torna-se um espaço, como caracteriza Girardello (2011, p. 76):

[...] de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis.

O exercício humano de imaginar, como postula Vigotski (2009), é um mecanismo complexo, o que ocasiona equívocos interpretativos quanto a sua concepção; o autor salienta, ainda, a necessidade de considerar as impressões internas e externas das crianças, “[...] o que a criança vê e ouve, dessa forma, são os primeiros pontos de apoio para sua futura criação. Ela acumula material com base no qual, posteriormente, será construída a sua fantasia” (VIGOTSKI, 2009, p. 36).

Ao enfatizar a importância do meio social nesse processo, entende-se que a criatividade exige conhecimentos anteriores que são reelaborados, originando uma nova produção psíquica, uma vez que quanto mais qualificadas forem as experiências vivenciadas e os estímulos recebidos, melhor será sua potência criativa, seu aspecto intelectual e emocional, culminando numa formação rica de possibilidades.

Leontiev (1978, p. 89), em consonância com os estudos de Vigotski, tem como ideia central a defesa sócio-histórica do desenvolvimento humano. Para o autor, “[...] as condições sociais de existência dos homens se desenvolvem por modificações qualitativas e não apenas

quantitativas”. De igual modo, examina sobre a formação do psiquismo humano, valorizando as relações estabelecidas mediante o social.

Só através da riqueza, objetivamente desenvolvida do ser humano, é que em parte se cultiva e em parte se cria a riqueza da sensibilidade objetiva humana (que um ouvido se torna musical, que um olho percebe a beleza da forma, em suma, que os sentidos se tornam sentidos e se afirmam como faculdades essenciais do homem (LEONTIEV, 1978, p. 167).

Contudo, reconhecendo a valorização dos processos sociais, é preciso considerar o contexto da atual sociedade, em que impera o capitalismo como sistema vigente de produção, que tem como pilar de sustentação a valorização da propriedade privada, mediante uma concepção deturpada e alienada de trabalho, que neste formato se torna um aliado de exploração da classe economicamente desfavorável, que produz riqueza para a chamada “classe dominante”, provocando um antagonismo econômico.

[...] a classe trabalhadora continua “pobre”, mas agora é “menos pobre” na proporção em que produz um “aumento inebriante de riqueza e poder” para a classe proprietária, isso quer dizer que, em termos relativos, ela continua tão pobre como antes. Se os extremos da pobreza não diminuíram, eles aumentaram, já que aumentaram os extremos da riqueza (MARX, 2013, p. 884).

Ausente nos animais, a capacidade criar e imaginar é uma faculdade humana, que deve desde a infância ser estimulada, sendo assim, a criança precisa ter a sua disposição elementos culturais que contribuam de forma efetiva para impulsionar sua imaginação. No entanto, é preciso considerar a estratificação social caracterizada por um contexto desigual em que nem todas as pessoas têm as mesmas oportunidades do contato com as máximas produções culturais humanas, tais como museus, cinemas, teatros, concertos musicais, produções literárias, dentre outras. Por esse motivo, deve-se também considerar o fator socioeconômico como elemento excludente no que tange a limitar o acesso a bens culturais que fomentam a criação e imaginação na vivência infantil.

Ademais, a disponibilidade de elementos que possibilitam o enriquecimento do repertório criativo nas crianças não equivale a processos intuitivos e nem solitários, é essencial interpretá-lo como uma atividade mediada que necessita do outro para acontecer. Dito isto, e tomando por base uma sociedade desigual, entende-se o papel da escola e do professor enquanto mediador na condição de viabilizar o contato com as produções mais elaboradas pelo ser humano. Considerando essas afirmações, o próximo tópico irá abranger as implicações

inseridas na ação docente no tocante ao desenvolvimento da criança, sobretudo no que tange ao papel mediador do professor no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil.

O papel mediador do professor no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil

Ao nascer, a criança é um ser totalmente indefeso, incapaz de sobreviver sem que os adultos lhe dediquem os cuidados necessários para se ter uma vida saudável. A esse respeito, de acordo com os estudos de Vigotsky (1996), no primeiro ano de vida do bebê há um processo de socialização totalmente peculiar, em decorrência de uma situação social de desenvolvimento original, determinado por dois momentos cruciais. O primeiro deles consiste em um conjunto de particularidades do bebê, o qual se define como uma total incapacidade biológica. O bebê por ser inábil para satisfazer suas necessidades vitais carece do outro para supri-las, as quais podem ser atendidas somente com o auxílio do adulto. “Portanto, a relação do bebê com a realidade circundante é social desde o princípio. Desse ponto de vista, podemos definir o bebê como *ser maximamente social*” (VIGOTSKI, 1996, p. 284, grifo do autor).

O segundo momento fundamental na vida do ser que inicia suas vivências no mundo humano e que caracteriza a sua situação social de desenvolvimento é que por mais que o bebê dependa completamente do adulto, ele carece dos meios essenciais de comunicação social na forma da linguagem humana. “A organização de sua vida o obriga a manter uma comunicação máxima com os adultos, mas essa é comunicação sem palavras” (VIGOTSKY, 1996, p. 286).

Diante disso, é claramente perceptível que desde o momento do nascimento, o ser humano precisa se relacionar com o outro para que se aproprie dos significados sociais e se insira no mundo enquanto sujeito, uma vez que a interação que a criança estabelece com o adulto possui um papel categórico em seu desenvolvimento. “Os adultos realizarão o trabalho de primeira inserção na cultura desse ser [...] que tem [...] ao longo de sua vida, o desafio de se desenvolver plenamente como uma individualidade humana” (DUARTE, 2013, p. 64).

Nas palavras de Leontiev (1978, p. 201, grifos do autor), “[...] o homem é um ser de natureza *social*, [...] tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em *sociedade*, no seio da *cultura* criada pela humanidade”. Isso significa que a humanidade do ser é desenvolvida ao longo do processo de apropriação da cultura que as novas gerações encontram ao nascer, intermediada pelo outro. Sem a relação com outros homens, é impossível que o sujeito internalize os elementos culturais e se desenvolva como um ser dotado dos caracteres

verdadeiramente humanos consolidados ao longo da história. Com isso, somos seres sociais, formatados pela sociabilidade.

Saviani (2013, p. 07) elucida que incorporar a cultura elaborada historicamente pela humanidade implica o trabalho educativo, ao passo que o homem não se faz homem naturalmente, “[...] ele não nasce sabendo ser homem”, é mister que isso seja aprendido. Para se tornar um sujeito no mundo, não basta estar no mundo, não é suficiente nascer e simplesmente viver em sociedade, ter somente o contato imediato com os objetos da cultura.

Sobre isso, Leontiev (1978, p. 272, grifos do autor) esclarece que

[...] as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente *dadas* aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas *postas*. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles *as suas* aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança *aprende* a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de *educação*.

Humanizar-se significa incluir-se na história e para isso a educação se faz imprescindível na socialização da cultura material e simbólica por meio das relações estabelecidas entre os homens e nas relações educacionais no contexto da escola, sendo esta a que pode possibilitar ações que favoreçam um ensino de qualidade e aprendizagens na dinâmica dialética.

A partir disso, não estamos tratando daquela educação recebida através dos pais – claro que esta não é considerada menos importante, mas daquela educação sistematizada, ou seja, organizada de forma intencional para possibilitar ao sujeito o contato com o que de mais elaborado a humanidade já produziu: os conhecimentos das Ciências. Tais saberes não são encontrados no cotidiano dos homens, mas há um lugar específico pelo qual podemos ter acesso a eles: a escola. Esta é a instância específica da educação sistematizada, pois sua função é a “[...] socialização do saber historicamente produzido tendo em vista a máxima humanização dos indivíduos” (MARTINS, 2004, p. 65).

É na instituição escolar que o mundo começa a se ampliar para a criança. A partir de um trabalho intencional por parte dos professores, as crianças iniciam o seu contato com a cultura mais elaborada, se apropriando das objetivações humanas e incorporando-as em sua consciência. Ao se apropriar de saberes mais elaborados, a criança aprende, e aprendendo desenvolve suas capacidades psíquicas especificamente humanas. Destarte, a escola possui papel fundamental desde a mais tenra idade para produzir a humanidade nos sujeitos.

O meio se modifica por força da educação, o que torna peculiar para a criança a cada etapa de seu crescimento: na primeira infância, a creche; na idade pré-escolar, o jardim de infância; na escolar, a escola. Cada idade possui seu próprio meio, organizado para a criança de tal maneira que o meio, no sentido puramente exterior dessa palavra, se modifica para a criança a cada mudança de idade (VIGOTSKY, 2010, p. 683).

Em seus estudos sobre as funções psicológicas superiores, Vigotsky (2010) deixou evidente que para o pleno desenvolvimento dessas capacidades psíquicas, é crucial o papel do meio, pois para o referido autor o ambiente em que o indivíduo vive influencia na constituição de sua personalidade, pois quanto mais a criança vivenciar espaços ricos de estímulos, melhor se desenvolverá. Nesse sentido, a escola é considerada como um *locus* privilegiado de possibilidades para aprendizagem e qualificação humana, e o professor, como o adulto mediador que domina os conhecimentos elaborados, capaz de organizar o trabalho educativo e disseminar às crianças.

Portanto, o professor é visto como o profissional que possui *expertise*, uma vez que necessita ter a síntese dos fundamentos teóricos do seu trabalho, os conhecimentos dos saberes escolares, ou seja, os conteúdos, as formas de ensinar esses conhecimentos, bem como as estratégias e os meios necessários que promovam a aprendizagem das crianças. Dessa forma, o trabalho educativo é uma atividade intencionalmente dirigida por fins. Para Mello (2009), o professor é o intelectual que tem por função ímpar apresentar para as novas gerações a cultura social produzida e historicamente acumulada. Assim, cumpre assinalar que o trabalho do professor na escola requer uma atividade com metas a se alcançar no que se refere ao desenvolvimento da criança.

Isso significa que o trabalho do professor, ou seja, sua atividade de ensino, deve ser orientada a um fim, e isso implica a organização intencional dos conteúdos a serem socializados, bem como as estratégias mais eficazes que impulsionem a aprendizagem da criança, desenvolvendo deste modo a formação de novas capacidades e novas funções intelectuais. Não basta que o professor dedique somente os cuidados básicos à criança, como o sono, alimentação, higiene, dentre outros, como acontece comumente nos espaços de Educação Infantil. Ainda são observáveis práticas pedagógicas com fins em si mesmas, vazias em objetivos, com crianças que permanecem nestes locais somente para serem cuidadas enquanto seus pais trabalham.

Considerando que a partir dos estudos da Teoria Histórico-Cultural toda atividade humana implica um fim, cabe ao professor, em sua atividade principal de *ensino*, planejar suas ações tendo em vista a transformação dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. De

acordo com Vázquez (1977, p. 187), “[...] a atividade propriamente humana só se verifica quando os atos dirigidos a um objeto para transformá-lo se iniciam com um resultado ideal [...] e terminam com um resultado ou produto efetivo, real”. Destarte, o professor cumprirá seu papel de mediador do conhecimento se estiver efetuando um trabalho pedagógico que vise a transformação da criança na sua individualidade, subjetividade e personalidade. Dito de outro modo, o professor estará em atividade de ensino tão somente se organizar suas ações para a promoção da aprendizagem. Muito mais que um cuidador, este profissional deve atuar propondo situações que estimulem o desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais da criança.

É condição *sine qua non* que o professor se constitua como o par mais desenvolvido psiquicamente para transmitir os conhecimentos científicos, filosóficos, artísticos, etc., mais elaborados para as crianças. Ser mediador no processo de apropriação do saber pelos indivíduos é consolidar-se como um profissional que detém a síntese mais elaborada possível dos conhecimentos. Assim, quanto mais ele estiver preparado para disseminar os saberes e a cultura, mais e melhor a criança irá aprender e desenvolver suas capacidades psíquicas. Diante disso, em conformidade com o pensamento de Vygotsky, “O professor deve saber muito. Deve dominar o objeto que leciona. O professor deve beber em uma fonte abundante”. (VIGOTSKY, 2001, p. 451).

Para Leontiev (1978), o professor não deve se limitar a seguir ou acompanhar o desenvolvimento espontâneo da criança, mas, em contrapartida, a partir de seus conhecimentos teóricos sobre psiquismo infantil e método de ensino, deve dirigir, controlar todo esse processo, ao passo que seja capaz de estabelecer finalidades e objetivos pedagógicos adequados e organizar atividades que impulsionem o desenvolvimento integral da criança em todos os aspectos da vida: cognitivo, emocional, social, cultural, dentre outros. Assim, em períodos de ruptura e salto qualitativo no desenvolvimento, é indispensável que o professor apresente novas tarefas que correspondam às potencialidades em transformação do sujeito e à sua nova percepção da realidade. Segundo o pensamento de Saviani (1997, p. 140):

[...] é mister que o conhecimento seja produzido previamente no professor de forma sistemática como condição para que ele possa, de forma deliberada e também sistemática, desenvolver o processo de produção do conhecimento nos alunos.

Em face do exposto, o professor enquanto mediador no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, demanda ter a capacidade de apresentar as experiências mais ricas e elaboradas às crianças no processo de desenvolvimento infantil. Nesse sentido, podemos

questionar: Por que não ofertar as formas mais elaboradas da cultura humana e suas manifestações artísticas (pintura, dança, teatro) para as crianças desde a mais tenra idade?

Segundo Duarte (2013, p. 67), na escola, a criança poderá ter o contato com as riquezas das experiências humanas expressas por meio da Arte. Ora, isso exprime que dificilmente a cotidianidade trará essas elaborações artísticas para a vida do indivíduo. “Por mais rica que seja a cotidianidade de uma pessoa, ela nunca terá a riqueza acumulada pela história da humanidade”. Portanto, “[...] conhecer o mais elaborado como forma de expressão dos outros, como um alerta para novas invenções” (MELLO, 2009, p. 374), deve constituir-se como um elemento indispensável que o professor necessita contemplar em seu trabalho pedagógico em prol de uma educação verdadeiramente humanizadora.

Entre o conteúdo e a forma: a modelagem com argila

Considerando a necessária valoração da criação e da imaginação na infância como elementos fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança, assim como o fundamental papel mediador do professor neste processo, faz-se pertinente a apresentação e fundamentação de uma proposta de atividade que pode vir a ser desenvolvida com os pequenos para estimular a imaginação criadora, que segundo Vigotsky (1990) trata-se de uma atividade de dissociação e associação, processo de isolar e classificar características de diferentes objetos, além de combinar e alterar essas características de modo a desenvolver outros objetos.

Com efeito, as atividades voltadas à criação e imaginação costumam estar atreladas a formas primitivas de brinquedo, ou mesmo terra, água, galhos secos, ou seja, tudo aquilo que pode ser utilizado pela criança com função diferente da que fora desenvolvida com significado social, pois “[...] tudo o que nos rodeia tem sido criado pelas mãos do homem, todo o tipo de cultura, [...] tudo é produto da imaginação” (VIGOTSKY, 1990, p. 10). Então, por que negar o direito de criar aos pequenos? Por que negar o direito da criança de subverter o significado social dos objetos dando-lhes a possibilidade de criar com seu próprio significado até que alcance as formas socialmente mais elaboradas?

É, pois, em vista ao exposto, que elencamos a modelagem com argila como possível atividade a proporcionar às crianças situações imaginativas e criadoras, uma vez que “[...] a versatilidade da cerâmica está diretamente ligada à versatilidade do próprio homem”, tanto que “desde o início ela foi usada para a confecção de objetos decorativos e utilitários. [...] Trata-se de uma das grandes artes da civilização” (GABBAI, 1987, p.8).

O desenvolvimento do uso da cerâmica como uma das grandes artes desde as mais remotas civilizações decorre da acessibilidade do material, por ser facilmente encontrado e de baixo custo. Ademais, a plasticidade da argila permitiu que diferentes técnicas fossem desenvolvidas e aperfeiçoadas pela humanidade, assim como a gama de utilidades para esta matéria-prima. Portanto, pode-se afirmar que o homem vem, historicamente, se apropriando desse e de demais recursos naturais e transformando-os, produzindo objetivações.

De acordo com Dalglish (2006, p. 21), a relação da humanidade com a cerâmica é tão íntima e permitiu tantas exteriorizações do potencial criativo do homem que “[...] a história da humanidade pode ser contada pela história da cerâmica, podem-se conhecer culturas já extintas por meio de obras fabricadas em argila e por elas deixadas”. Observa-se, assim, que a carga simbólica contida neste material e o enorme compêndio de técnicas dispostas no manuseio da argila constituem conhecimentos e práticas extremamente significativas, principalmente quando se trata de crianças pequenas que necessitam de apropriações qualificadas para seu desenvolvimento pleno.

Deste modo, levando em conta a profunda relação da humanidade com este material, consideramos seu potencial pedagógico e cultural para o desenvolvimento qualitativo das mais diferentes potencialidades criadoras da criança, já que além de sua expressiva presença nas produções humanas reunidas nas mais diferentes culturas e épocas históricas, este material tem muito a contribuir quanto ao desenvolvimento da motricidade infantil, bem como atua diretamente na promoção dos processos imaginativos do sujeito, pois, suas possibilidades plásticas são mais variadas, já que este material transita em diferentes estados físicos, passando inclusive por processos transformativos extremamente estimulantes: a curiosidade e a criatividade. Ademais, esta prática no contexto pedagógico favorece a relação arte-educação, pois, segundo Brasil (1998, p. 87), as atividades correlatas às Artes são, por vezes, menosprezadas no âmbito pedagógico, “[...] entendidas apenas como meros passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídas de significados”. Faz-se necessário, portanto, significar tais práticas para com as crianças, principalmente da Educação Infantil, por intermédio da intencionalidade, que só se efetiva mediante qualificação docente e planejamento didático.

Não obstante, é imprescindível considerar também que por meio da manipulação da argila ou mesmo da massa de modelar, diferentes estímulos são evocados na criança, principalmente o imaginar, a construção de novas possibilidades de ação e de formas de organizar elementos do ambiente, favorecendo assim sua interação social, pois tais

representações simbólicas auxiliam a expressar a forma como vê a realidade atual e os elementos que a compõe.

Ostetto e Leite (2004, p. 33) revelam que, “[...] ao registrarem as experiências vividas/imaginadas, deixam marcadas sua passagem, a forma como pensam e como são naquele instante. O que privilegia é o caminho e não seu ponto de chegada”. Conseqüentemente, quando essa criança produz, de modo livre, ela está construindo, em si, segurança, está provando a ela mesma que é capaz de criar, combinar, explorar e imaginar. No mesmo sentido, Lemos e Zamperetti (2015, p. 5), destacam que

[...] a argila proporciona no trabalho direto com sua massa, as condições de dominar a materialidade, tendo em vista que se trata de um material vivo, que por si só tem uma ação que conduz ao equilíbrio. Amassar a terra e dar-lhe forma são gestos primitivos, que influem, consideravelmente na coordenação de todos os movimentos.

Verifica-se por meio da colocação de Lemos e Zamperetti (2015), que mediante o trabalho realizado com a argila é possível mobilizar a totalidade do ser infantil, o qual, impulsionado pelo prazer adquirido na atividade, é levado a desenvolver-se em sua fisicalidade, ganhando expressivo domínio de seu movimento, tocando sua subjetividade concomitantemente. Logo, um sujeito que coordena sua expressão na materialidade é capaz igualmente de atuar no campo de sua psique e afetividade, escolhendo dentre as múltiplas possibilidades de expressão aquelas que considera mais adequadas. Isto é, conquistando autonomia gestual e subjetiva, simultaneamente ao modelar a argila a criança aprende a criar e recriar a si mesma. Pois, assim como observa as transformações concretas produzidas por sua vontade, pode igualmente direcionar esta mesma força a seu interior, conquistando o autodomínio de sua conduta. Por intermédio da atividade artística, humaniza-se, se adquire caráter intencional, abandona-se a natureza puramente instintiva para tecer subjetividades simbólicas.

Ainda a respeito das potências humanizadoras do trabalho com argila, Gabbai (1987, p. 15) sobreleva que a modelagem “[...] permite que expressemos nossos pensamentos sem precisar exprimir palavras: o movimento, a forma, o volume e o gesto trazem a linguagem viva do mundo interior, refletindo o caráter e o temperamento com fortes impressões da personalidade”. Com isso, destacamos a relevância do trabalho com a argila também do ponto de vista da exploração do material, do processo criativo, do desenvolvimento motor, da possibilidade de associação da prática com os conceitos históricos que envolvem o material, e a ampliação do referencial com mais este elemento da arte e da história da humanidade.

Ademais, diferente de seus semelhantes sintéticos, a argila permite um trabalho de criação tridimensional e duradouro, além de esteticamente mais interessante, uma vez que realizada a queima, torna-se mais resistente, pode ser exposto e admirado por outros sujeitos, suscitando em seu criador diferentes sentimentos característicos do criar e do socializar, por permitir que a criança vá da concretude do material à abstração na criação das formas idealizadas, que vão sendo transformadas com a fluidez do material. É possível afirmar, portanto, que o trabalho de modelagem da argila pelas crianças permite, entre outras coisas, expressar o potencial transformador do homem sobre a matéria, trazendo à tona o sujeito criança, assim como suas percepções corporais e espaciais de si, dos objetos, do concreto como um todo.

Considerações finais

Dado o exposto, ressaltamos a importância do estímulo da imaginação na infância enquanto potencial desenvolvidor das capacidades psíquicas superiores da criança. Ademais, o processo imaginativo atua ampliando e enriquecendo a subjetividade do sujeito, propiciando uma liberdade maior de suas limitações situacionais, podendo conceber no interior de si maneiras mais qualificadas de perceber, sentir e atuar no mundo. Este incremento das capacidades psíquicas humanas de subjetivar o real ultrapassando as barreiras da concretude permite que as inovações sejam concebidas, pois é justamente pela possibilidade de jogar com a realidade na virtualidade do pensamento que se torna possível redimensionar e ressignificar os elementos presentes na cotidianidade humana e assim ultrapassá-la.

Quando este processo imaginativo é estimulado intencionalmente na escola, as possibilidades de existência e de ação do sujeito são infinitamente ampliadas, já que é por meio da subjetividade do adulto psiquicamente qualificado que a criança pode ter acesso e chegar à compreensão das diferentes formas e conteúdos disponíveis à sua apropriação e que podem ser dispostas na realização de suas criações.

Assim, o universo artístico desponta como arcabouço de conhecimentos, práticas e reflexões que alargam os limites da percepção sensível e subjetiva. Destacamos assim o papel fundamental da arte para a educação enquanto elemento que amplia quanti e qualitativamente a percepção da vida em seu aspecto material e imaterial, permitindo a exploração de sentido e significado por meio da experimentação de diversos materiais disponíveis. Pois, na arte é partindo da escavação profunda da matéria que se encontra a sublimação dos significados e a ressignificação do cotidiano. Ao criar, o ser humano viabiliza que sua imaginação se concretize

e se transforme perante os desdobramentos do mundo material. Este diálogo realizado pelo homem com a natureza permite uma série de processos reflexivos e o alcance sensível de novas percepções.

Ademais, as produções artísticas possuem um caráter subversivo à normalidade e à repetição dos padrões socialmente impostos, o que possibilita ao sujeito adentrar novas perspectivas sobre o ser, estar e atuar no mundo. Esta via crítica e inovadora de relacionar-se com o universo cultural humano permite o desenvolvimento reflexivo da percepção, atuando igualmente na abertura do ser ao novo e à aceitação daquilo de difere da convenção.

A modelagem com argila, por sua vez, mobiliza o corpo e a subjetividade da criança, envolvendo-a em sua totalidade no processo de produção, o que promove uma integração do ser infantil em sua atividade, que partindo da materialidade alcança o território da abstração, voltando-se à concretude onde esta expressa-se em sua produção, podendo observar em seu trabalho a transformação de um estado inicial da matéria em obra de sua criação.

A argila apresenta-se, por fim, como um material ideal para o aprendizado da criança. Essencialmente por sua carga simbólica, radical das origens da humanidade. A prática da cerâmica é um fazer que remonta a algo profundamente humano e primitivo, pois comunica-se com as raízes primordiais do vir a ser humano. Quando a criança tem acesso a esta técnica milenar de criar por meio do barro, realiza com suas mãos a essência transformadora da humanidade, que interagindo com a natureza, a modifica recriando o mundo e a si mesma.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Poesia completa**. Lisboa: Leya, 2010.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC; SEF, 1998. 3 v.

DALGLISHI, L. **Noivas da Seca: Cerâmica do Vale do Jequitinhonha**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DUARTE, N. A pedagogia histórico-crítica e a formação da individualidade para si. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 59-72, dez. 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/124954>. Acesso em: 11 fev. 2020.

GABBAI, M. **Cerâmica: Arte da Terra**. São Paulo: Callis Ltda., 1987.

GIRARDELLO, G. Imaginação: Arte e ciência na infância. **Pro-posições**, v. 22, n. 2, p. 75-92, ago. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pp/a/NzsgHwpBkM6X9gv7NvDvRWL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2020.

LEMONS, D. C. A.; ZAMPERETTI, M. P. Modelagem com argila para crianças: Um estudo de caso. *In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA ARTE*, 18., 2017, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas, RS: UFPel, 2015.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARTINS, L. M. Da formação humana em Marx à crítica da pedagogia das competências. *In: DUARTE, N. Crítica ao fetichismo da individualidade*. São Paulo: Autores Associados, 2004.

MARX, K. **O capital**: Livro 1, o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. 894 v.

MELLO, S. A. Cultura, mediação e atividade. *In: MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, V. P.; MILLER, S. Marx, Gramsci e Vigotski: Aproximações*. Araraquara, SP: Cultura Acadêmica, 2009.

OSTETTO, L. E.; LEITE, M. I. **Arte, infância e formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

PINO, A. A produção imaginária e a formação do sentido estético: Reflexões úteis para uma educação humana. **Pro-posições**, v. 17, n. 2, p. 47-96, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643628>. Acesso em: 23 jun. 2020.

PEDERIVA, P. M. *et al.* (org.). **Educação Estética: A arte como atividade educativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas., SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, D. A função docente e a produção do conhecimento. **Educação e Filosofia**, v. 11, n. 21/22, p. 127-140, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/889>. Disponível em: 10 ago. 2022.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV: Psicología infantil**. Madri: Visor, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia**. 2. ed. Madrid: Ediciones AKAL S. A., 1990.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. Quarta aula: A questão do meio na pedologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQrRY4wfYC/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 10 ago. 2022.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não há.

Financiamento: Não há.

Conflitos de interesse: Não há

Aprovação ética: Aprovado pelo Comitê de Ética.

Disponibilidade de dados e material: Não há.

Contribuições dos autores: **Marta Silene Ferreira Barros**, que dedica seus estudos acerca do desenvolvimento humano, abordou os fundamentos basilares do método crítico dialético e da Teoria Histórico-Cultural articulando-os aos impactos da Arte para a apropriação do repertório cultural do gênero humano pela criança e para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Dialogou com autores primários e secundários de ambas as teorias – filosófica e psíquica. **Dayanne Vicentini**, que tem como objeto de estudo a formação do professor para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, trouxe ao artigo, discussões fundamentais enfatizando a função mediadora do profissional tendo em vista potencializar o máximo acesso das crianças à cultura elaborada e especificamente, ao conhecimento artístico. Dialogou com autores que tem a formação de professores como objeto de estudo embasados na Teoria Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico-Crítica. **Ana Leticia Ferreira e Maira Dellazeri Cortez** cujo objeto de estudo é a Arte na aprendizagem e desenvolvimento da criança pequena, trouxeram possibilidades do trabalho com a argila como instrumento artístico capaz de desenvolver funções psíquicas atreladas à criatividade e imaginação, as quais contribuem no processo formativo do sujeito. Partiram do diálogo entre autores da área educacional e das Artes Plásticas. **Natália Navarro Garcia**, a partir dos fundamentos da Teoria Histórico-Cultural, abordou o processo de humanização da criança, destacando especificamente o papel da criação e imaginação no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, bem como a importância das escolas de Educação Infantil no processo formativo do sujeito

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

